

Mídia e megaeventos esportivos: as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas-1896 a Londres-1948

Media and sports mega-events: the opening ceremonies of the Olympic Games from Athens-1896 to London-1948

Fausto Amaro

Doutorando do PPGCCOM da Uerj. Mestre pela mesma instituição, com apoio da Capes; pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj) e membro do grupo “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Mestrando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui Graduação em Comunicação Social pela UFJF (2006) e Especialização em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FACHA-IGEC (2012). Bolsista de Apoio Técnica a pesquisa CNPq – Nível 1A. Membro do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq, e pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj)

Ronaldo Helal

Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj)

Resumo

Neste artigo, analisamos a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos desde 1896 até 1948. Para isso, recorreremos à narrativa do *Jornal do Brasil* e contextualizamos as Olimpíadas com base em sua história e na evolução da transmissão midiática. Voltamos nosso olhar para os discursos associados às celebrações inaugurais dos Jogos, atentando para os encadeamentos narrativos que são estabelecidos e que colaboram para a construção da memória factual.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; megaevento; esportes; narrativa jornalística.

Abstract

*In this paper, we analyze the opening ceremony of the Olympic Games from 1896 to 1948. Therefore, we turn to the narrative of the *Jornal do Brasil* and contextualize the Olympics based on their history and on the evolution of broadcast media. We turn our look to the discourses associated with the inaugural celebrations of the Games, focusing on the narrative threads that are established and that contribute to the construction of factual memory.*

Keywords: *Olympics; mega-event; sports; journalistic narrative.*

O que entendemos exatamente quando falamos dos Jogos Olímpicos? O referencial aparente é a manifestação “real”, isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto de atletas de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais universalistas e um ritual, com forte coloração nacional, senão nacionalista, desfile por equipes nacionais, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais (BOURDIEU, 1997, p. 123, grifos nossos).

Introdução

O presente artigo realiza um panorama crítico sobre as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos. Analisaremos como estas cerimônias se constituíram em eventos de grande porte no decurso das edições do megaevento olímpico. Tal crescimento ocorreu concomitantemente à evolução do interesse dos meios de comunicação pelos Jogos, cujo ápice pode ser localizado na aquisição dos direitos de transmissão das Olimpíadas de Los Angeles-1984 pela rede ABC (EUA) por 225 milhões de dólares (GUTTMANN, 1992, p. 160). O *corpus* de investigação compreenderá todas as edições do *Jornal do Brasil (JB)* entre o segundo dia anterior e o segundo dia posterior à data da cerimônia de abertura das edições compreendidas entre os anos de 1896 e 1948. Partimos da hipótese de que estes ritos olímpicos tornam-se megaeventos ao mesmo tempo em que a presença dos meios de comunicação em sua cobertura se tornava mais forte, o que aumentou consideravelmente o interesse do público, exigindo espetáculos cada vez mais grandiosos. Não é possível entender este fato social sem a midiaticização que o permeia.

Optamos por concentrar nosso olhar aos Jogos até a primeira metade do século XX, momento propício para verificarmos a construção das tradições ligadas às cerimônias de abertura e entendermos o papel da mídia nesse processo. Ressaltamos, no entanto, que apenas em Moscou-1980 o COI começou a disponibilizar os dados sobre a cobertura midiática. O número de jornalistas presentes naquela ocasião às Olimpíadas curiosamente superava o número total de atletas inscritos: 5.615 (2.685 da imprensa escrita, 2.930 de rádio e televisão) contra 5.179 (4.064 homens e 1.115 mulheres).¹ Consolidavam-se, assim, os laços entre os meios de comunicação, as Olimpíadas e o público consumidor. Pretendemos retomar e ampliar em outros momentos essa investigação.

Para elucidar nosso argumento elaboramos, na primeira parte desse artigo, um conciso relato da transformação dos próprios Jogos Olímpicos Modernos, desde a idealização de Pierre de Coubertin em recuperar o legado grego até os Jogos como produto de mídia na virada do século XX para o XXI. Coubertin era um entusiasta do esporte como instrumento pedagógico, conforme o modelo inglês², das possíveis contribuições da cultura helênica à contemporaneidade e do potencial do esporte como promotor da paz mundial. Diferentemente dos Antigos Jogos, a atual olimpíada é um evento laico, que ocorre em cidades diferentes a cada quatro anos e possui edições de Inverno e de Verão.

Nas primeiras edições dos Jogos Modernos, várias cerimônias protocolares (invenções de tradição em série), como o Juramento Olímpico, o desfile de abertura com as delegações, a pira olímpica, o revezamento da tocha (criação dos nazistas) (MELO, 2006, p. 93) foram sendo introduzidos com a intenção de mimetizar e transplantar para a contemporaneidade a ritualidade que envolvia os Jogos gregos. A mimese foi falha, uma vez que a maioria dos rituais foi sendo reiteradamente alterada ao longo das edições, evocando cada vez menos os Jogos antigos (*cf.* RUBIO, 2001, p. 211).

Em seguida, buscamos uma reflexão teórica que dê conta das Olimpíadas enquanto um megaevento de repercussão mundial, destacando suas semelhanças em relação a outros grandes eventos, bem como suas peculiaridades. Por fim, na análise do *corpus*, voltamos nosso olhar para os discursos associados às celebrações inaugurais dos Jogos, atentando para os encadeamentos narrativos que são estabelecidos e que colaboram para a construção da memória factual e repercutem a magnitude do evento em si. Destacaremos, desse modo, as repetições e os ineditismos no cerimonial, tentando dar conta de seus significados e simbolismos.

Entre a tradição e a modernidade: breve história dos Jogos

A revalorização do legado grego se inicia no século XV, durante o Renascimento, e atinge seu auge com a reedição das Olimpíadas. No plano ideológico, a intenção era recuperar a herança clássica, potencializada talvez por certa dose de nostalgia que se manifestou, por exemplo, nos Jogos de Paris-1900, quando as modalidades esportivas foram divididas em três categorias que evidenciavam as origens geográficas e temporais das mesmas: “antigos esportes do Egito, Índia, Grécia e Roma; esportes da idade medieval; e esportes do período moderno” (*JB*, 07/10/1964, 1º caderno, p. 15). Na “prática”, todavia, os Jogos Modernos foram (e continuam sendo) uma experiência distinta a dos Jogos Antigos, sendo marcados mais pelas rupturas do que pelas continuidades.

O século XVIII foi notabilizado por três revoluções que afetaram sobremaneira a sociedade europeia e mundial: o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Stefano Pivato associa o esporte moderno aos valores que fizeram emergir a Revolução Industrial, dentre eles: a velocidade, a racionalização, o controle do tempo, a universalização das regras (1994, p. 22-27). Se, por um lado o esporte era fruto da modernidade, “sinônimo de progresso, velocidade e perfeccionismo” (*Ibid.*, p. 27), por outro, sua modernização, com a organização em grande escala, causaria a suposta perda do elemento lúdico, que seria intrínseco à brincadeira, sem maiores compromissos.³ A modernização dos esportes, com sua organização em grande escala, causaria a destruição do lúdico, tal como sentenciou Johan Huizinga (1938), após ter presenciado os Jogos de Berlim-1936.

O francês Pierre de Freddy, conhecido simplesmente por Barão de Coubertin, era um dos admiradores das Olimpíadas Antigas e, por isso, acalentava o desejo de recriar as tradições gregas como parte das festividades da virada do século XX. O movimento olímpico moderno surge impregnado de valores provenientes

da nobreza (cavalheirismo, amadorismo, *fair play*), mas gradualmente o esporte adquire um caráter popular e menos aristocrático. Bourdieu, nesse sentido, salienta que o “primeiro comitê olímpico contava com não sei quantos duques, condes e lordes, e todos de nobreza antiga” (1983, p. 142).

Pierre de Coubertin possuía uma visão holística para as Olimpíadas, pretendendo reuni-las a outras formas de arte em algo como um festival cultural, inclusive “tendo implementado concursos de poesias, de artes plásticas e mesmo de músicas, nas primeiras edições” (MELO, 2006, p. 30). Ressaltamos que os princípios do Comitê Olímpico Internacional e do Movimento Olímpico em si encontram-se compilados na Carta Olímpica⁴, redigida pelo próprio Coubertin, e repetidas vezes modificada desde então (RUBIO, 2005).

Logo nas primeiras edições dos Jogos Modernos uma série de tradições⁵ foram inventadas visando à abertura do evento. Em Estocolmo, 1912, aconteceu, de fato, o primeiro desfile das delegações nacionais. Em 1920, na Antuérpia, foi apresentada a bandeira olímpica, criada pelo próprio Coubertin, com os anéis olímpicos, que representam os cinco continentes unidos. Em Amsterdã, 1928, os organizadores instituíram o momento de acendimento da chama olímpica. Tal tradição trouxe um novo episódio para a cerimônia de abertura: o acendimento da pira olímpica.

Nessa primeira fase, as Olimpíadas foram prejudicadas pela frágil organização e pela baixa adesão dos países. Eram um evento menor no calendário mundial e ainda não atraíam grandes públicos nem participantes – em 1896, foram apenas 14 países e 241 atletas⁶. Por isso, as edições de 1900 e 1904 foram realizadas concomitantemente às Exposições Universais⁷. Não havia ainda sequer uma preocupação com alojamentos para os esportistas. Na edição de 1924, em Paris, eles foram acomodados em barracas nas cercanias das áreas de competição, o que, não obstante, pode-se dizer, que estava de acordo com o propósito de Coubertin de promover o convívio amistoso entre os atletas (MASCARENHAS, 2011, p. 29). Pivato (1994, p. 58) assume que somente a partir de 1912, em Estocolmo (Suécia), os Jogos adquiriram verdadeira notoriedade, tanto em termos de espectadores como de atletas e nações participantes. Gilmar Mascarenhas, no entanto, aponta que até 1932 os “Jogos Olímpicos deixaram poucos vestígios na paisagem urbana, devido ao amadorismo reinante” (2011, p. 28).

Após 1932, o cenário começa a assemelhar-se mais ao que presenciamos hoje em dia, isto é, os Jogos passam a impactar profundamente o cotidiano do país anfitrião e a repercutir globalmente. Los Angeles utilizou-se dos Jogos para superar os efeitos da crise de 1929, que abalara a economia norte-americana e mundial. Nessa edição, também foi construído o primeiro complexo habitacional para os atletas – conhecidos hoje como vilas olímpicas^{vi}. No rastro dessa tradição, e buscando sobrepujá-la, Berlim, sob a tutela nazista, instalou, na própria Vila, “alguns equipamentos específicos para os atletas” (*cf.* MASCARENHAS, 2011, p. 29). Os Jogos na Alemanha ficaram marcados pelo arrefecimento do caráter

nacionalista inerente às disputas esportivas (cf. HOBBSAWM, 2004, p. 171) e pelos inúmeros pequenos acréscimos ritualísticos, como o revezamento da tocha, a criação de um sino e o depósito da bandeira olímpica em um cofre na cidade-sede (*JB*, Notas Desportivas, 24/10/1936 s/p). Em 1916, devido à 1ª Guerra Mundial, e em 1940 e 1944, devido à 2ª Guerra, os Jogos sofreram interrupções.

A partir da década de 1950, o planejamento urbano, impulsionado pela organização dos Jogos, se tornou prioridade para as cidades que abrigavam este megaevento. Mascarenhas alude ao seguinte caso: “[...] a Cidade do México (1968), além de decidir alocar as duas vilas olímpicas na periferia, numa perspectiva de integração de mancha urbana, erigiu nelas 24 blocos de apartamentos, em clara definição de uso residencial popular após o evento” (2011, p. 30). Isso nos leva a pensar como as Olimpíadas parecem acompanhar, de certa forma, o momento geopolítico vivido pelo mundo.

Desde Londres-1948, cresce a cobertura midiática, mas, em contrapartida, as tensões políticas reverberavam cada vez mais no campo esportivo. No período da Guerra Fria, apesar da expansão quantitativa de países, os propósitos pacíficos do olimpismo foram postos em cheque – de encontro esportivo entre nações, os Jogos acirravam agora a disputa pela supremacia (bélica, cultural, econômica) entre as duas potências emergidas da 2ª Grande Guerra (EUA e URSS). Nos Jogos de 1980, em Moscou, os EUA, juntamente com 61 outros países, boicotaram a competição, em represália a permanência das tropas soviéticas no Afeganistão (NEGREIROS, 2009, p. 325). O revide veio logo na edição seguinte, em Los Angeles (EUA), quando 16 nações, principalmente do bloco soviético, decidiram não participar dos Jogos.

A partir década de 1970, tem-se o patrocínio estatal dos atletas, principalmente na URSS, o que funcionou como uma brecha para o profissionalismo dos mesmos sem o perigo de sofrerem sanções, afinal eram funcionários públicos. Justamente em Munique-1972 *Waldi*, a primeira mascote olímpica, foi um verdadeiro sucesso em termos comerciais. Na década seguinte, sob os auspícios do neoliberalismo econômico, surgem e se disseminam os patrocínios privados aos desportistas, bem como as parcerias público-privadas, visando a construção do mobiliário urbano para os Jogos (cf. MASCARENHAS, 2011, p. 32-36).



Figura 1: *Waldi* – mascote dos Jogos Olímpicos de Munique. Fonte: Site oficial do COI.

A força do mercado encontrou campo propício de atuação no esporte, onde os atletas eram (e são) instados a apresentar-se em nível cada vez mais elevado de

performance e para isso necessitam dedicar-se exclusivamente a sua prática. O público aficionado troca, assim, os ideais atribuídos a Coubertin por um esporte de mais espetáculo, recordes e performances excepcionais. Conjuntamente, a influência da mídia era cada vez mais incisiva, tal qual descrita por Allen Guttmann sobre os Jogos de Seul:

Modalidades nos jogos de verão foram programadas para permitir a exibição no horário nobre, ao invés de maximizar as performances atléticas. A comodidade do consumidor-telespectador norte-americano foi o fator preponderante nas mentes dos gestores da mídia. Uma vez que os 309 milhões de dólares da NBC corresponderam a aproximadamente 90% de toda a contribuição dos canais televisivos para o “caixa” olímpico, os “fãs de pistas e campos” americanos puderam assistir aos corredores, saltadores e arremessadores às 9h da noite (Horário Padrão do Leste) quando já era 1h da manhã em Londres, 2h da manhã em Frankfurt, e ainda mais tarde em Moscou (1992, p. 167).⁹

É nesse rastro que as cerimônias de abertura também se transmutaram em algo muito maior do que “apenas” um desfile dos atletas perante o público e as autoridades presentes no estádio. Eram cada vez mais acontecimentos teatraizados, cujos atores buscavam entreter todos os espectadores (tanto no estádio, quanto via TV, rádio, internet e quaisquer outros meios de recepção audiovisuais), e, em última instância, divulgar a magnitude do evento e a pujança do país que viabilizava a festa. Nesse novo contexto, os atletas em marcha tornam-se mais um elemento dentre vários que disputam a atenção da plateia global.

O megaevento olímpico: organização, legado e espetacularização

Como vimos, no decurso de suas edições, as Olimpíadas ganharam a magnitude pretendida pelo projeto inicial de Coubertin, ao custo da perda de alguns dos valores e ideais simbólicos que possuíam em sua fundação. Se na Grécia, em 1896, tínhamos 241 atletas, em Londres-2012, foram cerca de 10.500; o número de esportes passou de 9 a 26; e os países de 14 a 204. Os Jogos Olímpicos hoje, segundo Gilmar Mascarenhas e outros, estão resumidos na seguinte equação simplificada:

Produz-se um *caudaloso investimento discursivo*, consubstanciado numa retórica conjugada à articulação de interesses públicos e privados, que alinha países e cidades de todo planeta na disputa pela obtenção do direito de sediar megaeventos esportivos, tomados como alavanca para a dinamização da economia local e *redefinição da imagem da cidade* e/ou país no competitivo cenário mundial (MASCARENHAS et al, 2011, p. 18, grifos nossos).

O trecho acima contém elementos fundamentais para a compreensão dos Jogos Olímpicos enquanto megaeventos⁹ e que trabalharemos nesse tópico: o papel da imprensa na definição dos fatos, o processo competitivo entre as cidades postulantes a sede, a projeção de imagem pública ambicionada pelo país anfitrião e o legado.

Ao ampliarem sua dimensão, os Jogos redimensionam suas potencialidades

e o nível de demanda exigido dos locais que abrigam as competições. Do ponto de vista geográfico, o próprio Mascarenhas afirma ainda que “Os Jogos Olímpicos de verão, sendo um gigantesco evento, concentra forças de grande impacto sobre os lugares, redimensionando-os em sua forma, função e dimensão simbólica” (2004, p. 1). Ao deixar de ser apenas mais um evento no calendário mundial, o que como vimos se desenrola ainda na primeira metade do século XX, as Olimpíadas adentram a seara dos “mega” acontecimentos, o que novamente produz impactos sensíveis no ambiente citadino: “A caminhada dessas efervescências sociais para o formato “mega” confunde-se com o crescimento das cidades, a emergência das relações, a velocidade da vida urbana e o avanço tecnológico dos media” (FORTUNA, 2013, p. 2).

Poderíamos simplesmente definir as Olimpíadas como mais um fato exemplar da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997). Ela pode ser entendida por esse prisma, mas acreditamos ser mais proveitoso adentrar por suas significações simbólicas e materiais que extrapolam a noção de espetáculo. Em um sentido ampliado, os megaeventos são explorados por Ricardo Freitas enquanto um “fato social midiático” (2011, p. 9), estendendo a reflexão primordial de Émile Durkheim, segundo a qual temos três elementos básicos na configuração de padrões sociais: coercitividade, exterioridade e generalidade.

Freitas salienta, assim, a importância da mídia para a projeção discursiva dos relatos sobre dado evento: “os impulsos coercitivos de um megaevento acabam sendo suas próprias reverberações que acontecem em geral na mídia” (2011, p. 9). Ato contínuo, ele postula que tal explicação pode ser utilizada para outros megaeventos, como a Fórmula 1, as Paradas Gay e o Carnaval (FREITAS, 2012, p. 10). Por certo, os Jogos Olímpicos encontram respaldo na colocação teórica de Freitas. Este megaevento esportivo ocorre e é experienciado por meio da mediação exercida pelas diferentes redes articuladas em torno dos meios de comunicação (rádio, TV, internet e outros que venham a surgir).

Arlei Damo e Ruben Oliven, por sua vez, propõem uma definição mais ampla para o conceito de megaevento, que, desta feita, abarcaria desde guerras e epidemias até competições esportivas e encontros políticos. Eis o que afirmam: “O acoplamento do prefixo mega sugere, tão somente, tratar-se de algo amplo, podendo essa amplitude ser avaliada pela reverberação gerada em termos de duração, de amplitude espacial, do impacto, da diversidade e assim por diante” (2013a, p. 10). Nesse sentido, um megaevento pode ser tanto uma epidemia quanto um show de rock de uma banda célebre. A Olimpíada preenche todos os requisitos citados: é relativamente longa, principalmente em suas primeiras edições, ocupa praças esportivas em diferentes lugares da cidade-sede, além de mobilizar pessoas ao redor do mundo e influencia direta e indiretamente a rotina de boa parte da população global. Damo e Oliven (2013b), no entanto, também sublinham a centralidade da mídia na produção dos discursos sobre os Jogos Olímpicos.

Ao contrário, porém, da simples participação, a organização de um evento desportivo demanda investimentos do Estado e da iniciativa privada para torná-lo realidade. Os gastos com a organização confluem para uma das grandes questões que cercam os Jogos Olímpicos: o legado, tanto esportivo quanto em termos de infraestrutura para a cidade-sede. De fato, a primeira Olimpíada a comprovadamente dar lucro financeiro à cidade organizadora foi Los Angeles-1984, que soube aproveitar as parceiras com o capital privado para rentabilizar a realização dos Jogos (cf. FREITAS; BARRETO, 2012, p. 126). Nas demais cidades-sede, a grande crítica de determinados setores da sociedade, da imprensa e da academia concentram-se nos gastos excessivos, nos desvios de verbas públicas e no que será herdado e utilizado após o grande acontecimento esportivo. Martin Curi problematiza a viabilidade de pensar o sucesso socioeconômico de um megaevento esportivo apenas com base em estatísticas e números: “Interessante é que, muitas vezes, tanto defensores quanto opositores argumentam apresentando números concretos de ganhos e perdas financeiras, sendo que o saldo final é positivo ou negativo dependendo da linha de argumentação” (2013, p. 67).

Na esteira desse debate, surge o questionado conceito de legado intangível, pois não poderia ser mensurado em termos materiais (construções, lucro, infraestrutura), mas diria respeito a ganhos simbólicos, como a recuperação da autoestima de um povo ou o orgulho dos cidadãos por sua cidade. O legado é tema complexo e que, a nosso ver, particulariza os megaeventos esportivos, uma vez que deles são esperados retornos à cidade anfitriã, o que não se vê, por exemplo, em relação ao carnaval, às paradas militares e aos variados shows musicais, para citar apenas três que envolvem vultosas quantias de verbas públicas.

Antes de o legado se tornar um dos temas preferidos de debate social na urbe, faz-se premente que a cidade seja eleita sede, o que implica demonstrar intenso interesse em acolher esse megaevento esportivo, a despeito dos prejuízos financeiros e sociais que podem advir de sua realização. O processo de escolha da cidade-sede dos Jogos envolve três etapas principais. Inicialmente, nove anos antes do evento, as cidades apresentam seu desejo de concorrer como anfitriãs (“Application City Phase”). Em seguida, são indicadas as cidades que preencham os requisitos do COI e podem ser oficialmente candidatas (“Candidate City Phase”). Por último, após a escolha da cidade vencedora sete anos antes do evento, tem-se finalmente os Jogos Olímpicos, que são a fase derradeira ¹¹.



Figura 2: Cronologia do processo de escolha da cidade sede. Fonte: COI.

Ao contrário da Copa do Mundo, onde a cerimônia de encerramento, por incluir a partida que decide o campeão do torneio, angaria maior relevância do que o evento inaugural, nas Olimpíadas a cerimônia de abertura concentra as atenções midiáticas e o empenho do país-sede, que deseja apresentar-se por seus melhores “ângulos” aos “olhos do mundo”. Este evento adquire maior repercussão principalmente devido as narrativas de segunda mão elaboradas pela imprensa. A cerimônia em si, ao vivo, é fundamental na formação dos discursos, mas o papel exercido pela imprensa *a posteriori*, auxilia a consolidação da memória sobre o acontecimento. A narrativa midiática, nesse sentido, amplifica o episódio olímpico, conferindo-lhe contornos de espetáculo, que fogem ao âmbito esportivo: “Ao fim e ao cabo, a crônica esportiva reproduz uma narrativa engajada, não apenas sobre a Copa do Mundo e as Olimpíadas, mas também sobre os valores do esporte de espetáculo em geral” (DAMO; OLIVEN, 2013, p. 49).

Dessa forma, exploramos aqui a definição de megaevento, com destaque para aqueles do campo esportivo. Dentro da lógica do capitalismo ocidental, os grandes eventos esportivos desempenham um papel de legitimação do país que os sedia. Em tese, a organização de eventos desse porte é a chance esperada pelas nações emergentes para mostrar seu novo papel no cenário mundial e pelas nações desenvolvidas para justificar sua relevância perene no jogo político mundial. O papel da mídia na promoção das cerimônias de abertura é justamente o foco de nossa atenção no tópico seguinte.

Cerimônias de abertura: as narrativas jornalísticas sobre a transformação e invenção de tradições

A fim de entender a dimensão da cerimônia de abertura dentro do megaevento olímpico tomaremos por base as edições do *JB*¹² do segundo dia anterior à abertura até o segundo dia posterior. Logo, em cada olimpíada, pelo menos, cinco edições do periódico foram enfocadas.ⁱⁱ Procuramos fundamentalmente por tradições inventadas (cf. HOBSBAWM, 2007), pela influência dos media na publicização deste rito inaugural, pelo aumento do interesse nesses preparativos e na cerimônia em si e pelas continuidades e rupturas que consolidam o rito no imaginário simbólico dos espectadores. A seção de esportes do Jornal foi o lócus principal de observação.

O protocolo oficial, cuja última atualização data de 02 de dezembro de 2013, traz as seguintes etapas para a cerimônia de abertura: 1) entrada do chefe de Estado; 2) reprodução do hino nacional do país-sede; 3) o desfile dos atletas; 4) a libertação simbólica dos pombos; 5) a abertura dos Jogos pelo chefe de Estado; 6) levantamento da bandeira olímpica e reprodução do hino olímpico; 7) a prestação do juramento olímpico por um atleta, seguido por um juiz e logo depois um treinador; 8) a chama olímpica e o revezamento da tocha; 9) o programa artístico *iii*.

A grandiosidade dos estádios operava um dimensionamento da cerimônia de abertura e do público presente. Além disso, até hoje os estádios atuam

como palcos privilegiados para a realização de megaeventos. Em Estocolmo, o estádio teria capacidade para cerca de 200 mil pessoas, enquanto em Berlim, esperava-se que fosse construído um local para 400 mil pessoas tendo em vista as Olimpíadas de 1916 (*JB*, 24/12/1917, p. 5). Nos Jogos de 1936, Hitler deixava clara suas intenções para o renovado Estádio de Grunewald: “A Alemanha ha de ter um estádio como não se vê igual no planeta” (*JB*, 22/03/1934, p. 24).

É válido mencionar que o Brasil esteve representado em quase todas as edições das Olimpíadas de Verão desde 1920 (Antuérpia) até hoje, com exceção de Amsterdã em 1928. Essa ausência do Brasil nas primeiras duas décadas de disputa influencia a cobertura jornalística sobre o evento. Como não dispúnhamos de representação nacional, o *JB* reserva relativamente pouco espaço para o evento.

Em 1896, o *JB* dedicava amplo espaço a cobertura do turfe, porém os Jogos Olímpicos passaram despercebidos na pauta esportiva do periódico (pelo menos no período de análise). As notícias olímpicas apareciam principalmente na capa do jornal, como ocorreu, por exemplo, na edição de 06 e 07 de abril (segunda e terça-feira), em que uma nota da agência Havas dava conta do início dos Jogos:

Grecia [título]. Os Jogos Olympicos [subtítulo]. Athenas, 6. [local, dia] – Começaram aqui os tradicionais jogos olympicos, que despertam, como de costume, o maior interesse. A família real assiste a elles. É considerável o número de estrangeiros que affluiram a esta capital, attrahidos por essas festas. ¹⁵

Interessante notar o uso de algumas palavras como “tradicionais” e “costume” que associavam os Jogos a algo recorrente e perene, o que não o era, visto que estava apenas em sua primeira edição. Mais sentido seria enfatizar a novidade, o ineditismo e a curiosidade dos espectadores. Duas explicações podem ser avultadas para isso: 1) a nota tratava os Jogos Modernos como mera continuação, após um hiato milenar, dos antigos Jogos Gregos (o que era, de fato, a intenção do discurso oficial de Coubertin); 2) havia a intenção de revestir os Jogos de uma aura de tradição para atrair torcedores e aficionados pelo esporte.

Desde sua primeira edição, verificamos que a dimensão extra-esportiva já estava presente nas Olimpíadas, o que nos ajuda a entender sua futura conversão em um dos maiores megaeventos globais. É confirmador dessa vocação o uso de “programa de festas”, e não programa de esportes no excerto abaixo, publicado na coluna “Telegramas”:

Athenas, 7. – O programa das festas dos jogos olympicos compõe-se de corridas a pé nas distâncias de 200 a 4.500 metros, de velocidade de 440 metros, de saltos horizontaes e de altura, tiro ao alvo, uma corrida de Athenas a Maraton na distância de 48 kilômetros [...] A cidade está em festas. Os estudantes norte americanos da universidade de Prince Town tem vencido em quase todas as pugnas sportivas, sendo por isso extraordinariamente aclamados (*JB*, 08/04/1896, capa)

No dia 02 de maio, na seção de notícias internacionais, tem-se uma descrição mais minuciosa da celebração:

A cerimonia foi das mais imponentes. O rei foi recebido ao som do hymno nacional, tocado por 600 executantes. Guarneçiam o amphiteatro 60.000 espectadores, que acclamaram calorosamente o soberano. Estiveram presentes todo o corpo diplomático, os ministros, autoridades e funcionários. O príncipe herdeiro fez um discurso vibrante de entusiasmo e de patriotismo, sendo ruidosamente applaudido. Depois dessa allocução, 600 músicos, sob a direcção do compositor grego Samaras, executaram o Hymno Olympico. Depois começaram os jogos, que tiveram grande êxito. (JB, 02/05/1896, p. 9) ¹⁶

Mais de uma década depois, na edição do *JB* do dia 04 de julho de 1912, trazia-se um artigo escrito pelo professor Maurice Salassa, que incluía, dentre outras coisas, notas sobre a cerimônia de abertura de Atenas-1896:

Sentada a multidão realizou-se a inauguração solenne: o Príncipe herdeiro leu um discurso ao Rei, que, a seu turno, se levantou e declarou solennemente inaugurados os Jogos Olympicos. Durante toda essa interessante e impressionante cerimonia, os athletas das diversas nações se postavam em fileiras por detraz do Príncipe herdeiro. Terminados os discursos, o Rei passou revista aos athletas e lutadores, que o saudavam continuamente [...] Terminou a exhibição gymnastica às 6 horas da tarde e pode-se affirmar com certeza que pessoa nenhuma daquella immensa multidão, que orçava mais ou menos em 50 mil pessoas sentadas e outras mil nos outeiros circumvisinhos, abandonou o Estádio durante a tarde [...] Houve alguma vez, em parte alguma, inauguração mais importante? Poderia tal espetáculo ser igualado? Eis o que entre si perguntavam os espectadores estrangeiros. E a concorrência? Em que parte do mundo se poderiam reunir pelo menos 106 mil pessoas para assistirem a uma competição athlética? Há uma só resposta: só em Athenas, na Athenas clássica. (JB, 04/07/1912, p. 11, grifos nossos)

Destacamos nesse trecho a magnitude dos Jogos, já tido como inigualável em sua primeira edição, bem como o aspecto de conagração entre espectadores de diversas nacionalidades que estavam presentes em Atenas. O elo imaginado por Coubertin entre os Jogos Antigos e sua versão moderna era aceito e reproduzido pela imprensa. Por fim, percebemos a importância concedida à inauguração do evento, que é revestida de uma aura ritualística, ampliada pela presença massiva do público e da realeza que conduzia os festejos e discursos.

Nos Jogos de Paris-1900, a seção de “Sport” do *JB* continuava a ser quase exclusiva dedicada ao turfê. As notícias que chegavam de Paris ocuparam boa parte da capa (continuando, inclusive, na segunda página) da edição do dia 13 de maio, porém o foco de atenção estava na abertura da Exposição Universalii. A realização concomitante dos dois eventos foi prejudicial à divulgação dos Jogos Olímpicos, que usufruíram de menos espaço na mídia. O nome do evento olímpico naquele ano também pode ter contribuído para isso: Concurso Internacional de Exercícios Físicos e de Esportes (FREITAS; BARRETO, 2012, p. 49). Em todo ano de 1900 encontramos apenas uma referência ao início das contendidas

olímpicas: “Paris, 16. – Por iniciativa do sr. barão de Camberlain foram inaugurados os jogos olympicos. A elles concorrem setenta francezes e cincoenta estrangeiros” (JB, 16/05/1900, capa).

St. Louis (EUA), 1904, optou pela mesma estratégia de Paris e realizou as Olimpíadas ao mesmo tempo em que sediava a Feira Universal. Da mesma forma que nas duas edições anteriores, o *JB* parecia negligenciar o evento no período que escolhemos para análise. A Feira, por sua vez, foi noticiada na capa do dia 03 de julho. A seção de “Sport” (ou “Vida Sportiva”) do jornal preocupava-se mais com as notícias referentes ao turfê, ao ciclismo, ao futebol, à esgrima, ao remo, à corrida de pombos, dentre outros. Ao procurar, todavia, por “jogos olympicos” no ano de 1904, encontramos uma referência aos Jogos que se iniciavam: “New York, 31. – Realizaram-se hoje em Saint-Louis, os Jogos Olympicos que constavam do programa da Exposição [...] Os jogos correram muito animados” (JB, 01/09/1904, p. 3, grifos nossos). Parece-nos que houve, após uma primeira edição com certa repercussão na mídia brasileira, uma queda de importância das Olimpíadas, o que pode ser creditado a decisão de incluí-la na programação de outro grande evento.

Os preparativos para a 4ª Olimpíada da Era Moderna, todavia, ocuparam mais espaço no *JB*. No dia 26 de junho de 1904, por exemplo, percebe-se que os Jogos começavam a congregar eventos paralelos ao seu redor, ao contrário do que ocorreu nas duas edições anteriores quando foi eclipsado pelas Exposições Universais: “Roma, 25. Por ocasião das festas da 4ª Olympiada, a celebra-se em Roma, no anno de 1908, projecta-se inaugurar nesta capital uma exposição do Sport Athletico e um Congresso Internacional de Educação Physica” (p. 6). Não obstante, mais uma vez, não encontramos indícios do início dos Jogos de Roma no período estabelecido como *corpus* – de 25 a 29 de abril de 1908. Em 17 de julho, porém, a notícia “O grande certamen universal” continha a seguinte informação:

Inaugurou-se a 14 do corrente, conforme notícias telegraphicas publicadas, em Londres, com a assistência do Rei Eduardo VII, da Rainha Alexandra, da Princesa Victoria, de quase todas as pessoas da Família Real, dos Soberanos da Grécia e Noruega, do Príncipe Herdeiro da Suecia, dos membros do Corpo Diplomados e de altas personagens, o grande certamen dos jogos olympicos, no stadio da Exposição Franco-inglesa, diante de uma concorrência de mais de 25.000 pessoas [...] (JB, 17/07, 1908, p. 12, grifos do jornal).

Ressaltamos a importância dada às personalidades presentes, provenientes primordialmente da realeza europeia, bem como ao público presente no estádio, que garantia a legitimidade tanto do evento quanto do país que o oferecia ao mundo. O interesse criado em torno do evento era evidente, o que nos permite incluí-lo na seara dos eventos de repercussão global da época.

Em 1912, houve um aumento exponencial da atenção delegada aos Jogos, que se realizavam naquele ano em Estocolmo (Suécia), bem como em resgatar

a memória olímpica moderna, de certa forma esquecida nos anos anteriores. O aspecto nobre que impregnava o ambiente olímpico nota-se igualmente na cerimônia de abertura, quando coube ao rei da Suécia o papel de porta-voz do discurso oficial que declarava iniciada as competições:

Stockolmo, 6 (H). - O Rei Gustavo V inaugurou hoje, no Stadium, com toda a solenidade, o concurso internacional de Jogos Olympicos. A grande multidão que enchia o local aplaudiu entusiasticamente a abertura desse certamen, fazendo delirante ovação ao Soberano (JB, 07/07/1912, p. 19).

Na 15ª Sessão do Comitê Internacional Olímpico, aparecia manifesta uma resolução sobre a utilização da marca Olimpíada dentre as conclusões alcançadas pela reunião dos delegados do COI (Coubertin, inclusive): “Manter que a designação - ‘Olympíada’ - seja apenas usada para designar Olympíada Internacionais que se realizam periodicamente, ficando o título de Jogos de Athenas para definir os certamens nacionaes que se realizam no intervalo” (JB, 17/08/1913, p. 17). Esse fato, apesar de não possuir ligação com a abertura dos Jogos, ilustra uma preocupação comercial e que aponta para a preocupação do Comitê Olímpico em preservar seu maior patrimônio: sua marca.

Antuérpia, cidade localizada na Bélgica, recebeu os Jogos Olímpicos após o hiato de oito anos causados pela 1ª Grande Guerra Mundial. Grande atenção foi dispensada a construção do estádio olímpico no país, porém as informações mais uma vez não estavam presentes no *corpus* de investigação. Em uma nota publicada nas notícias sobre o cenário internacional, lemos a seguinte informação: “Antuerpia, 9 (A.P.) – Acha-se quasi terminado o Stadium para os Jogos Olympicos. A inauguração realizar-se-á no dia 8 ou 9 do mez próximo” (JB, 10/04/1920, p. 7). O caráter de realeza continuava a ditar o ambiente olímpico. Na Bélgica, assim como na Inglaterra e na Grécia, o rei possuía protagonismo nas matérias sobre os Jogos, cabendo a ele as inaugurações de obras e a recepção dos atletas. Em dois momentos do dia 11 de agosto a cerimônia de abertura foi descrita. Reproduzimos abaixo trechos importantes:

Antuerpia, 14 (U.P.) – Urg. – O Stadium dos Jogos Olympicos foi inaugurado hoje. Suas Majestades o rei Alberto e a rainha Elisabeth e outros membros da Família Real da Bélgica assistiram ao acto. Inaugurou o programma uma parada gigantesca na qual tomaram parte os melhores athletas de 32 nações. O team brasileiro foi collocado perto da testa da collumna. Quando os athletas passavam perto do Pavilhão Real, Sua Majestade o rei Alberto viu as insígnias Verde e Ouro do Brasil e concedeu aos athletas vestindo as cores brasileiras um signal especial de cortezia, saudando-os (JB, 15/08/1920, p. 11). O Rei Alberto fez um pequeno discurso dando as boas vindas aos athletas. Cinco mil pessoas assistiram ao acto [...] A scena foi abrilhantada por centenas de bandeiras e todos os teams foram conduzidos por tementes e porta-estandartes, os quaes conduziam as bandeiras das respectivas nações ali representadas (Ibid., p. 7).

Na citação acima, percebemos a manutenção dos desfiles das nações, bem

como o papel central desempenhado pela realeza do país sede, que concede sua benção e o patrocínio do Estado ao evento. Essa continuidade ritualística é importante para forjar uma memória olímpica e um senso de tradição ao evento. Além disso, destacamos que, mesmo proveniente de uma agência de notícias, a matéria enfoca o papel do Brasil na cerimônia. A imprensa internacional usufruiu de um espaço especial para cobrir as provas esportivas e a cerimônia inaugural, o que pode ser interpretado como um reconhecimento da importância da mídia na popularização do acontecimento: “O comitê executivo dos Jogos Olympicos vae installar para uso dos jornalistas e dos correspondentes estrangeiros uma estação telephonica e telegraphica” (*JB*, 27/02/1920, p. 9).

Paris abrigou os VIII Jogos Olímpicos da Era Moderna. Na França, um Estado republicano, coube ao presidente o papel central na cerimônia de abertura dos Jogos. A seção de esportes do periódico apresentou notícias relacionadas aos Jogos (o que não vimos em 1920), mas ainda não continha informações sobre a cerimônia de abertura.

No dia 06 de fevereiro de 1924, é descrita a cerimônia de abertura, bem como a nova bandeira do COI (os cinco arcos representativos dos cinco continentes). Sobre a primeira, percebemos mais uma vez reminiscência das cerimônias anteriores e uma forma de narração jornalística que privilegia as etapas do ritual de abertura. Destacamos a similaridade entre o que abaixo será descrito e a forma como se realiza a atual cerimônia:

A cerimonia da inauguração dos Jogos se effectuará no dia 5 de Julho e obedecerá às formulas usuas. Às 14 horas chegará o Presidente Millerand que será recebido à porta do stadium primeiro pelo Barão Pierre de Coubertin, Presidente do Comitê Olympico Internacioal, que lhe apresentará seus collegas e em seguida pelo Conde Clary, Presidente do Comitê Olympico Francez, que igualmente apresentará seus companheiros. Os dois comitês conduzirão então o chefe da nação à tribuna de honra, onde o saudará a “Marselheza”. Começará então o desfile dos atletas. Cada contingente virá precedido de um designado para representar o nome do paiz pelo pavilhão nacional respectivo. O desfile obedecerá a ordem alfabética e, depois, de uma volta no stadium, elles se disporão em grupos com as suas respectivas bandeiras à frente, dando frente para a tribuna de honra. Os comitês internacional e francez formarão um semi-cículo defronte da tribuna e, depois de um breve discurso do Conde Clary, o Presidente Millerand abrirá os jogos com estas simples palavras: “Declaro abertos os jogos olympicos de Paris, que celebram a oitava olympiada da era moderna”. Os clarins entoarão, então, uma marcha, os canhões troarão e o pavilhão olympico será hasteado. Um bando de pombos, tendo cada um ao pescoço uma fita com a cor de cada um dos países representados subirá aos ares, que resoarão ao mesmo tempo com as vozes de um côro a entoar uma marcha. Depois de haverem prestado o juramento, os atletas desfilarão para fora do stadium, tendo então início as primeiras provas. (*JB*, Diário Desportivo, capa, 06/02/1924).

Um dia após a realização da cerimônia, recontou-se novamente o que ocorreu nas celebrações, com a adição de um fato peculiar referente ao desfile do

Brasil, como já ocorrera na Antuérpia:

A delegação do Brasil, no entanto, em vez de imitar esse gesto ergueu, ao contrário, bem alto seu pavilhão. A exceção foi notada, mas a curiosidade dos assistentes foi satisfeita com a explicação de que a Constituição do Brasil não permite que a bandeira nacional seja abaixada em saudação, prescrevendo o seu alçamento (*JB*, 06/07/1924, p. 6).

Em Amsterdam-1928, a aura nobre retorna aos Jogos, graças à presença da família real holandesa nos rituais olímpicos. Em 07 de março, lemos o seguinte trecho no *JB*: “Espera-se que a herdeira do throno da Hollanda acompanhará a rainha Guilhermina e o príncipe consorte na cerimônia de inauguração desses Jogos” (*JB*, 07/03/1928, p. 14). A cerimônia inaugural em si apresentou os mesmos elementos já vistos, o que consolida o evento como um rito repetido a cada quatro anos:

Amsterdam, 28 (U.P.) – Inauguraram-se hoje solemnemente os Jogos Olímpicos de 1928 [...] O acto solempne da inauguração das Nonas Olympiadas foi presidido pelo príncipe consorte Hendrik. Usualmente as Olympiadas são abertas pelo soberano reinante no paiz em que realizam. Por esse motivo, a ausência da Rainha Guilhermina foi muito comentada [...] O príncipe consorte foi recebido à entrada do Stadium pela Comissão Internacional Olympica e pela Comissão Hollandeza, organizadora dos Jogos, conduzindo-o à tribuna de honra, enquanto as bandas militares executavam o hymno nacional e a multidão levantava-se e descobria-se. Começa então o tradicional desfile olympico dos atletas [...] Os atletas de cada paiz marchavam junto atraz de um estandarte com o nome da respectiva nação. Depois de fazer a volta ao Stadium, cada grupo, estendendo-se em coluna frente a tribuna de honra onde se achava o príncipe. Após ligeiro discurso do Presidente da Comissão Organizadora das Olympiadas, o príncipe Hendrick inaugurou oficialmente as Olympiadas nos seguintes termos: “Declaro aberto os Jogos Olympicos de Amsterdam, celebrando as Novas Olympiadas da Era Moderna”. Uma fanfarra de clarins saudou à bandeira olympica, dando-se liberdade nesse momento a muitos pombos, levando cada um uma fitinha com as cores de um dos paizes participantes nos jogos. Em seguida, os porta estandartes de cada uma das nações formaram um semi-círculo e centenas de atletas com o braço direito estendido prestaram o juramente olympico repetindo em mais de trinta diferentes línguas o seguinte: “Juramos pela nossa honra que tomamos parte nos Jogos Olympicos como leais competidores, prometendo respeitar os regulamentos dos Jogos e desejando manter um espírito cavalleiroso pela glória do nosso paiz e do sport”. Os atletas desfilarão então em direção oposta. (*JB*, 29/07/1928, p. 18)

É válido salientar que até aqui fala-se em “inauguração” dos Jogos, e não em cerimônia de abertura. O fato de elevarmos o início dos Jogos à condição de cerimônia nos diz algo sobre a mutação pela qual o evento passou. A cada edição poucos elementos são modificados no ritual, mas a narrativa midiática orna de adjetivos uma cerimônia que por si só já é extremamente ritualizada. Há, a nosso ver, uma tentativa de naturalizar elementos da cerimônia de abertura, que, na verdade, foram historicamente construídos.

Em Los Angeles, 1932, a cerimônia de abertura foi realizada no período estabelecido para o nosso *corpus*, o que significa que coincidiu com a data oficial presente no site do COI. Em 28 de julho (JB, p. 18), na coluna sobre as “Olimpiadas de Los Angeles”, lemos sobre o interesse dos atletas brasileiros em participar da “festa de abertura”, o que demonstra a consolidação desse momento como uma etapa importante da participação olímpica, onde o esportista podia exibir-se perante os espectadores, a imprensa e autoridades políticas. No dia 31 de julho é noticiada a abertura das Olimpíadas ocorrida no dia anterior. O título é evocativo do conteúdo da matéria: “Foi hontem inaugurada a grande competição esportiva mundial”. O espaço dedicado à descrição do cerimonial foi considerável, o que resultou em mais detalhes sobre o evento em si. No trecho abaixo, sublinhamos o uso inédito da palavra “espetáculo” para definir o cerimonial:

Los Angeles, 30 (U.P.) – Revestiu-se de imponência verdadeiramente extraordinária a cerimônia da abertura da Décima Olympiada, presenciada por uma multidão que encheu a cunha o grande estádio da cidade. O impressionante espetáculo começou pelo coro olympico, entoado por milhares de vozes, seguindo-se o concerto das bandas de música, que atacaram marcialmente os hymnos nacionaes de cada paiz representado nos jogos [...] A parada das delegações deu ao magnifico scenario uma movimentação realmente inolvidável, vindo a frente de todas a representação da Grécia, como expressivo e merecido privilégio ao povo que há dois mil e seiscentos annos criou esse gênero de competições athléticas. Formados em atitude militar, as delegações ouviram o discurso de abertura do vice-presidente da República, Sr. Curtiss, seguindo-se então, em meio de magestoso (sic) silêncio, o juramento olympico. Depois da representação grega, prevaleceu para o desfile a ordem alfabética [...] O contentamento com que a multidão aplaudiu a parada dá bem a medida do entusiasmo em meio ao qual vão decorrer as disputas da segunda olympiada realizada nos Estados Unidos. (JB, 31/07/1932, p. 25, grifos nossos)

À parte as manutenções na descrição do evento (discurso da principal autoridade do país sede, desfile das delegações, execução de hinos e juramento olímpico), percebe-se maior rigor no protocolo de desfile, com a devida reverência à Grécia. Além disso, a cerimônia inaugural é utilizada como um termômetro para aferir a recepção do público em relação às competições atléticas por vir.



Figura 3: Foto do palco das principais competições atléticas dos Jogos de Los Angeles (JB, 20/03/1932, p. 16).

Nos quatro anos que antecederam as Olimpíadas de 1936, muitas foram as matérias que enfocaram a preparação da Alemanha para receber o evento, com destaque para a construção da “Aldeia Olímpica” – habitações para os atletas (*JB*, 07/12/1935, p. 10) – e a “corrida de estafetas” – o revezamento da chama olímpica de Olímpia a Berlim (*JB*, 08/12/1935, p. 22). Cogitamos que atenção se deva ao empenho que os alemães dedicavam aos Jogos, algo até então não visto. A preparação incluía um esmero especial com o que seria apresentado na cerimônia de abertura: “O espetáculo que abrirá os XI Jogos Olímpicos de Berlim, no dia 1 de agosto de 1936, terá 10.000 executantes, sob a direção do Dr. Hanns Niedecken-Gebhardt” (*JB*, 01/09/1935, p. 12, grifos nossos). Não poucas vezes o epíteto utilizado pelo discurso jornalístico fora: “A grande Olimpíada de 1936 na Alemanha” ou “Notas sobre a grande Olimpíada de 1936, em Berlim” ou ainda simplesmente “A Grande Olimpíada de Berlim”, o que confere a proporção magnânima adquirida pelo evento – a mídia parece ser responsável por dimensionar o tamanho do evento. Curiosamente a figura de Hitler exercia protagonismo nas matérias, e não foram percebidas críticas ruidosas a elei.

A intenção era sem dúvida transmitir ao mundo a imagem de uma Alemanha hospitaleira e respeitosa com os convidados estrangeiros. Tratava-se obviamente de uma cortina de fumaça para esconder a máquina de guerra que se constituía e as intenções bélicas do *Reich* alemãoii.

Os Jogos de Berlimiii são entendidos como um marco da cerimônia de abertura, principalmente, por criar o revezamento da tocha olímpica, que, após ser acesa na Grécia, mais precisamente em Olímpia, devia percorrer outros países até chegar ao estádio no dia da abertura. O encerramento também passou a contar com empenho semelhante aquele delegado às aberturas dos Jogos, sendo qualificado como uma “cerimônia empolgante”: “Berlim, 17 (A.B.) – No Estádio Olímpico de Berlim, o encerramento dos Jogos da XI Olimpíada alcançou hoje um grau de solenidade sem paralelo nos jogos modernos” (*JB*, 18/08/1936, p. 24). Disputados no contexto entre guerras, as Olimpíadas daquele ano presenciaram também o nacionalismo exacerbado na disputa das provas e até mesmo no desfile de abertura onde muitas delegações de atletas desfilaram a moda dos exércitos em marcha, empunhando símbolos, brasões e cores nacionaisiv.

Para essa edição, os alemães também criaram um sino olímpico, que depois foi replicado e comercializado para angariar fundos de custeio aos Jogos (*JB*, 01/03/1936, p. 22). O sino, que continha gravadas a inscrição “chamo a juventude do mundo”, os anéis olímpicos e a águia simbólica do *Reich* (*JB*, 27/08/1933, p. 12), tocou na aurora do ano de 1936, sinalizando o início das festividades olímpicas, e seu som foi difundido para todo planeta por meio do rádio (*JB*, 09/02/1936, p. 22). Outra novidade foi a criação da “distinção de honra olímpica alemã”, uma condecoração destinada àqueles que contribuíram para a realização daquelas Olimpíadas (*JB*, 15/03/1936, p. 20). No campo midiático, as notícias sobre os próprios meios de comunicação começavam a pautar a cobertura do *JB*, que deu destaque a massiva presença de jornalistas em Berlim (*JB*, 01/09/1936,

p. 33), bem como à inédita cobertura televisiva (*JB*, 01/03/1936, p. 22). No dia seguinte à abertura das Olimpíadas, uma página inteira do *JB* continha informações diversas sobre os Jogos (memória olímpica, número de atletas, modalidades, turismo), ilustradas ainda com fotos do estádio.



Figura 4: Fotos do estádio ilustram a página 15 do *JB* no dia 02 de agosto de 1936.

Sobre a cerimônia de abertura em si não houve um relato pormenorizado: “Será neste estádio que, após a solene cerimônia da abertura com a presença das mais altas autoridades diplomáticas alemãs e desportivas terão início as provas olímpicas a que concorrem 53 países do Universo” (*JB*, 02/08/1936, p. 15). Acerca das composições musicais para a cerimônia inaugural afirma-se que: “É um espetáculo como o fundador dos jogos olímpicos, Barão Pierre de Coubertin, sempre desejou para inaugurar as festas das olimpíadas” (*JB*, 01/09/1935, p. 12). A música composta por Werner Egk foi transmitida graças à utilização de uma tecnologia de comunicação inovadora à época: “A gravação da música se fez necessária sendo impossível tocá-la durante o festival que se realizarão no grande estadium diante de 10.000 espectadores em orquestra, mas sim a música será transmitida dos discos, por meio de inúmeros alto-falantes” (*JB*, 15/03/1936, p. 20). Na descrição da cerimônia de encerramento conseguimos vislumbrar aspectos do evento inaugural:

Como em 1º de agosto as delegações precedidas das bandas de música tocando

a “Marcha Olímpica”, de Paul Winton, desfilaram em parada, cada delegação precedida do seu porta estandarte, saudando, cada um a seu modo, o chanceler Hitler, que se encontrava na tribuna oficial rodeado de luzida *entourage* [...] Logo depois o grande hino olímpico, que havia anunciado o início dos Jogos Olímpicos começou a repicar as últimas badaladas, anunciando o fim deles. (*JB*, 18/08/1936, p. 24).

Após mais uma guerra mundial, não há disputa dos Jogos Olímpicos por duas edições (1940 e 1944). Londres foi a cidade escolhida para abrigar a XIV Olimpíada da Era Moderna. As olimpíadas que fecharam a primeira metade do século XX contaram com o maior número de atletas até então (4.104, sendo 3.714 homens e apenas 390 mulheres), bem como o maior número de nações participantes (59)ii.

Coube ao rei inglês a função de decretar o início dos Jogos: “Londres, 8 – (Reuters) – O Rei Jorge VI inaugurará os Jogos Olímpicos em Wembley no dia vinte e nove de julho, ao que se anunciou hoje oficialmente nesta capital” (*JB*, 09/04/1948, p. 9). No dia da inauguração dos Jogos a matéria sobre o episódio expõe a relevância da cerimônia e a repetição de suas tradições:

Centro Olímpico de Richmond, 28 – (De Robert Downson, da U.P.) – *Nenhuma das provas que terá lugar aqui superará em colorido e grandeza as cerimônias de inauguração das Olimpíadas de Londres, a serem iniciadas aqui, amanhã.* Na realidade os jogos terão início na sexta-feira, data em que serão assistidas várias eliminatórias. Calcula-se que nada menos de 80.000 pessoas ficarão aguardando a chegada do Rei Jorge, que será acompanhado ao camarote real pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional. Enquanto o soberano inglês estiver se dirigindo para o palanque principal, uma banda completa estará executando o Hino Nacional Britânico. A seguir terá início o desfile das diversas equipes, que serão precedidas por bandeiras e escudos de suas respectivas nacionalidades. De acordo com a tradição, caberá à Grécia a testa do desfile. Os demais países desfilarão em ordem alfabética, não obstante, a Grã-Bretanha, como promotora dos jogos, será a última. Depois da marcha em frente ao camarote real, o presidente do Comitê Olímpico Internacional falará para pedir à Sua Majestade Britânica que proclame inaugurada a Olimpíada. Jorge VI pronunciará, então, as seguintes palavras: “Proclamo inaugurados os jogos olímpicos de 1948 com a celebração da XIVa Olimpíada da era moderna”. Em seguida soarão as trombetas e será disparada uma salva. Isto se dará quando o último portador da tocha olímpica entrar no Estádio do Império pela porta oriental. A chama olímpica arderá durante todo o tempo de celebração dos Jogos. Nessa altura do espetáculo será içada a bandeira olímpica e serão postos em liberdade pombos aos milhares (*JB*, 29/07/1948, p. 9, grifos nossos).

Um dia após a inauguração dos Jogos a descrição do cerimonial ocupou considerável espaço na seção esportiva do periódico (vide imagem abaixo). Os episódios centrais da cerimônia são os mesmos que foram narrados no trecho supracitado. A narrativa não destoia das edições anteriores dos Jogos, visto que as tradições fundamentais se mantiveram semelhantes.

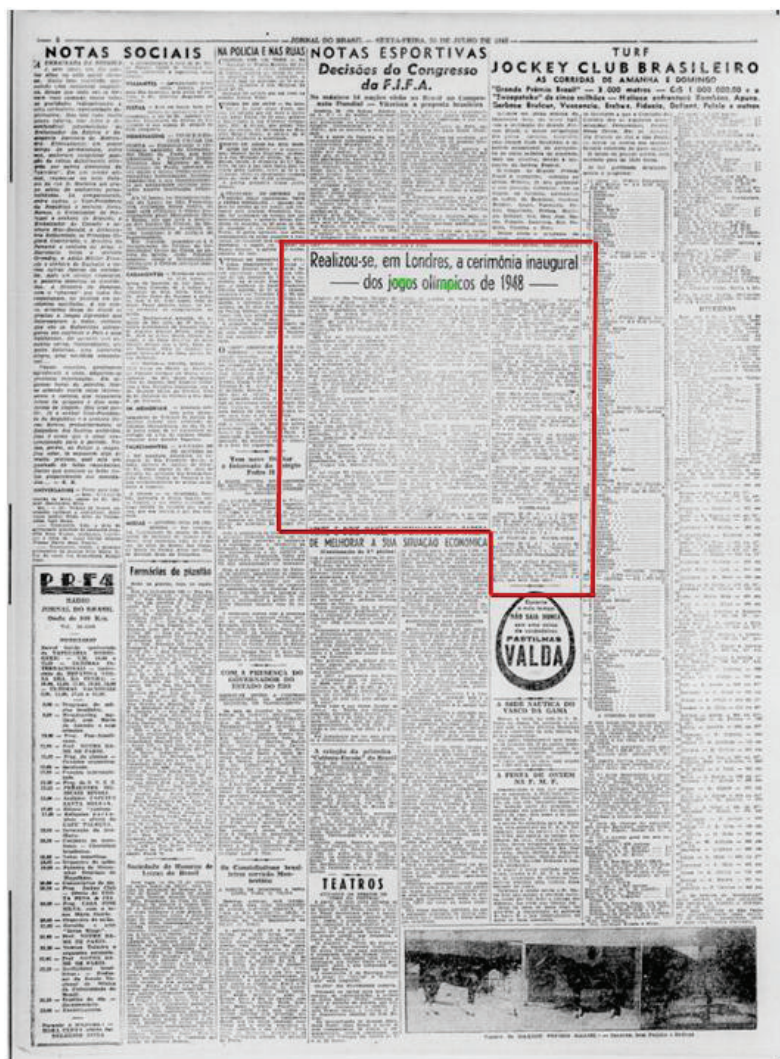


Figura 5: Em destaque na imagem o espaço dedicado a cobertura da cerimônia de abertura dos Jogos de Londres-1948 (*JB*, 30/07/1948, p. 8).

Ressaltamos, por último, que as cerimônias de abertura nunca foram apenas desfiles das delegações dos países participantes. Eram, sim, eventos introdutórios dos Jogos e que possuíam um protocolo peculiar, sendo aguardados pela mídia e pelo público com ansiedade. Essa grandiosidade e dinâmicas próprias nos fizeram interpretar essa celebração inaugural como um grande evento que está incluído no megaevento olímpico.

Epílogo

O desfile das nações na abertura dos Jogos teria começado a ocorrer realmente, segundo Pivato (1994, p. 155), apenas em Estocolmo-1912, o que não nos impediu de investigar, neste artigo, como era narrado esse episódio no período anterior. Conjecturamos que reunir todas as delegações participantes em um desfile sucessivo de pavilhões, bandeiras e nacionalidades triunfantes possui inegável apelo tanto para o público presente quanto para as narrativas produzidas pela mídia. Ao longo dos anos, novos elementos foram somados à marcha dos atletas, como coreografias dançantes e encenações teatralizadas, que auxiliaram

na fundação e fortalecimento dessa dramatização simbólica. Outras rotinas e ritos também foram sendo introduzidos: em 1920 (Antuérpia), a bandeira olímpica, com seus célebres cinco anéis, foi hasteada; no mesmo ano, Victor Boin, esgrimista belga, pronunciava o solene juramento olímpico; em 1928 (Amsterdã), foi instituído o acendimento da chama olímpica, parte das festividades da cerimônia de abertura; em 1936 (Berlim), teve início o revezamento da tocha olímpica, que percorria o caminho de Olímpia (Grécia) até a cidade-sede.

Desde o início de nossa análise, em 1896, observamos como as cerimônias de abertura possuíam a pompa e a circunstância que caracterizam um evento de aspirações globais. Era um encontro da realeza europeia diante dos espectadores populares – até 1948, reis e príncipes abriram seis das onze edições. Foi ainda na primeira metade do século XX que foram criadas a maior parte das tradições que inventaram o rito inaugural dos Jogos Olímpicos como o conhecemos hoje. Acreditamos que desde então a cerimônia de abertura é, de fato, um megaevento, que contava com atletas de diferentes países (já em Londres-1908 tínhamos 2.008 esportistas participantes), alterava a rotina da cidade-sede, devido ao fluxo de turistas, e influenciava a opinião pública internacional sobre o país anfitrião. A “festa” deu lugar ao “espetáculo” nesse espaço de meio século. Após 1950 cresceu exponencialmente a reverberação midiática, com a popularização de novas mídias, como a TV e a internet, porém a cerimônia continuou essencialmente a mesma.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p 136-153.
- _____. *Sobre a televisão*. Seguido de A influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CURI, Martin. *A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 19, n. 40, pp. 65-88, jul./dez. 2013a.
- DAMO, Arlei; OIVEN, Ruben. *Apresentação*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 19, n. 40, pp. 9-15, jul./dez. 2013a.
- DAMO, Arlei; OIVEN, Ruben. *O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 19, n. 40, pp. 19-63, jul./dez. 2013b.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FORTUNA, Vânia. *Cidade e Megaeventos*. Espetáculo midiático, explosão de sentidos. In: Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação, 6., 2013, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: CONECO, 2013, pp. 1-15.
- FREITAS, Ricardo. *Rio de Janeiro, lugar de eventos: das exposições do início do século XX aos megaeventos contemporâneos*. In: Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 20., 2011, Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2011, pp. 1- 12.
- FREITAS, Armando; BARRETO, Marcelo. *Almanaque Olímpico SPORTV*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Cada Palavra: COB Cultural, 2012.
- GUTTMANN, Allen. *The Olympics*. A History of the Modern Games. Urbana - Chicago: University of Illinois Press, 1992.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução: *A Invenção das Tradições*. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectivas, 2010.
- MASCARENHAS, Gilmar. Desenvolvimento. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda (Orgs.). *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, pp. 27-40.
- MASCARENHAS, Gilmar. *A cidade e os grandes eventos olímpicos: uma geografia para quem?* EFDportes (Revista Digital, Buenos Aires), v. 10,

n. 78, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd78/geo.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda. Introdução. In: *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, pp. 17-24.

MUÑOZ, Francesc. “Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages”. In: MORAGAS, Miquel de; LLINÉS, Montserrat; KIDD, Bruce Kidd (Orgs). *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. Lausanne: International Olympic Committee, 1997, pp. 27-51. Disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp091_eng.pdf>.

NEGREIROS, Plínio. *O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copa do Mundo*. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade. *História do Esporte no Brasil. Do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. Editora Hucitec: São Paulo, 1997.

PIVATO, Stefano. *Les enjeux du sport*. 1ª Ed. Firenze: Casterman-Giunti Gruppo Editoriale, 1994.

RUBIO, Katia. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

- 1 Fonte: <<http://www.olympic.org/moscow-1980-summer-olympics>>. Acesso em: 03 mar. 2014
- 2 Essa admiração era fruto da vivência de Coubertin na sociedade inglesa e da observação dos supostos benefícios da prática esportiva nos colégios. Coubertin estudou na Harrow School e posteriormente na Universidade de Cambridge. Para ele o poderio do Império Britânico derivava do lugar privilegiado ocupado pelo esporte nessa sociedade (PIVATO, 1994, p. 56; LASCH, 1991, p. 112).
- 3 Para uma discussão sobre a distinção entre a brincadeira, o jogo e o esporte, ver Helal (1990).
- 4 A última versão data de 08 de julho de 2011 e está disponível para leitura on-line no site do COI: <http://www.olympic.org/Documents/olympic_charter_en.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2013.
- 5 Usamos esse termo no sentido proposto por Hobsbawm (2008).
- 6 Dados do COI. Fonte: <<http://www.olympic.org/athens-1896-summer-olympics>>. Acesso em: 26 jul. 2013.
- 7 O tema das exposições universais enquanto eventos emblemáticos da modernidade foi trabalhado por Sandra Pesavento (1997).
- 8 Sugerimos a leitura de Muñoz (1997) para um panorama sobre a evolução dos espaços de habitação e convivência dos atletas durante os Jogos Olímpicos desde Atenas-1896.
- 9 Livre tradução de: “Events at the summer games were scheduled to permit prime-time reception rather than to maximize the athletes’ performances. The convenience of the American viewer-consumer was utmost in the media managers’ minds. Since NBC’s \$309 million was over 90 percent of all television contributions to the Olympic till, American track-and-field fans were able to watch the runners, jumpers, and throwers at 9:00 P.M. (Eastern Standard Time) when it was already 1:00 A.M. in London, 2:00 A.M. in Frankfurt, and even later in Moscow”.
- 10 Os megaeventos esportivos tem atraído maior atenção da academia em virtude primordialmente do recente protagonismo brasileiro nessa área (vide a Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016), o que pode ser comprovado, por exemplo, pela edição especial da revista Horizontes Antropológicos (2013) sobre megaeventos e pelo livro *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidade* (2011), organizado por Gilmar Mascarenhas, Glauco Bienenstein e Fernanda Sánchez.
- 11 Essas informações podem ser verificadas no site do COI: <<http://www.olympic.org/host-city-election>>. Acesso em: 16 fev. 2014.
- 12 O *JB* era um periódico matutino, que circulava de terça a domingo entre as décadas de 1920 e 1960. A partir da década de 1970, voltou a circular também as segundas, passando a disputar espaço com o até então vespertino *O Globo* (este circulava de segunda a sábado). Em 1896, a edição de terça era conjunta com a de segunda. Entre 1900 e 1920, circulava uma edição do jornal às segundas-feiras. Entre 1924 e 1936, não havia edição de segunda-feira. De 1948 até 1968 a edição de domingo era conjunta com a de segunda. Em setembro de 2010, deixou de existir em sua versão impressa, permanecendo apenas em sua versão on-line.
- 13 Salientamos que nem sempre respeitamos essa determinação de *corpus*. Até Amsterdam-1928, a data oficial de abertura dos Jogos (extraída do site do COB) nem sempre coincidia com a data de sua inauguração (isso se deve ao fato de alguns esportes terem início antes da abertura oficial das Olimpíadas). Sendo assim, tivemos de procurar pela expressão “jogos olímpicos” em todo acervo do *JB*, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, para encontrar informações sobre a cerimônia de abertura.
- 14 A tradução livre é nossa. O documento completo, em inglês, pode ser acessado por esse link: <http://www.olympic.org/Documents/Reference_documents/Factsheets/Opening_ceremony_of_the_Games_of_the_Olympiad.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2014.
- 15 Estamos mantendo aqui a grafia original das palavras, da forma como aparecem no periódico.
- 16 O número total de presentes ao estádio não é consensual. Fala-se em quarenta (*JB*, 25/03/1896, capa), cinquenta (*JB*, 04/07/1912, p. 11) e sessenta (*JB*, 02/05/1896, p. 9) mil.
- 17 Cerca de metade da página estava, no entanto, ilegível, devido aos borrados sobre a letra impressa. No que conseguimos entrever parecia não haver menção aos Jogos Olímpicos.
- 18 Nessas primeiras edições dos Jogos, reiteramos que tivemos de buscar por notícias olímpicas não apenas na seção de esportes, mas também nas notas vindas do país-sede dos Jogos e por meio da busca por palavras-chave relacionadas à competição (olímpicos, olimpíadas, jogos olímpicos).
- 19 Sublinhamos como exceção a matéria “Fa-los-emos criminosos”, escrita por Frei Pedro Binzig e publicada em 16 de fevereiro de 1936 na página 12.
- 20 Lembramos apenas que não é nosso interesse nesse artigo verificar, nas narrativas jornalísticas, o contexto político nacional e internacional a permear os Jogos Olímpicos.
- 21 Cabe lembrarmos que os Jogos de Berlim estavam previsto para ser realizados em 1916 (*JB*, 28/12/1913, p. 18), mas, devido a 1ª Guerra Mundial, o sonho alemão foi retardado em duas décadas.
- 22 Essas e outras cenas dos Jogos podem ser revisitas assistindo o primeiro filme dedicado exclusivamente para Berlim-1936: *Olympia*, da cineasta alemã Leni Riefenstahl.
- 23 Um dado curioso é que, a despeito da ausência de Jogos nos anos de guerra, as Olimpíadas não realizadas contam no cálculo das edições. É, por isso, que Londres vem a ser a décima quarta olimpíada da Era Moderna, e não a décima primeira. Os anos de 1916, 1940 e 1944 contam como edições.
- 24 Fonte: <<http://www.olympic.org/london-1948-summer-olympics>>. Acesso em: 03 mar. 2014.